

CONSTITUIÇÃO E INSTALAÇÃO DA COLÔNIA TERRA NOVA: EDUCAÇÃO DO IMIGRANTE ALEMÃO

Jeane Silvane Eckert Mons.

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Quando, na Europa dos fins do século XVIII, os laços feudais entram em declínio, a posse da terra é revolucionada e, o mais significativo, rompe-se a solidariedade entre os membros das comunidades e das famílias, liberta-se o elemento humano para decidir onde e como resolver seus problemas de subsistência.

Os antigos espaços vazios vão sendo substituídos por áreas de concentração, que se urbanizam. A movimentação campo-cidade torna-se intensa, e, nesta, o processo de industrialização constitui fator decisivo para os imigrantes que

[...]se num quadro de amplas transformações na economia internacional e cujo ritmo acelerou-se no decorrer do século XIX. A Revolução Industrial e, por conseguinte, a renovação tecnológica nos meios de transporte, trouxeram novas possibilidades à divisão internacional do trabalho. A navegação a vapor e o trem incorporam regiões ao movimento e à dinâmica do mercado internacional; o telégrafo permite a comunicação entre os pontos mais remotos do mundo, acelerando as transações comerciais e financeiras e a circulação de notícias. Produtos até então não transportados pelos altos custos dos fretes marítimos, foram integrados ao mercado transoceânico. Carvão, minérios, cereais, entram na composição das cargas, até então reservadas para especiarias, algodão, chá, açúcar, café, metais preciosos. Essas mudanças, incorporando novas terras à produção de plantios tropicais, mas também de produtos tradicionalmente europeus(trigo, lã, carne) provocaram um colapso nas zonas rurais da Europa. Milhões de homens são colocados em disponibilidade e não são absorvidos pelo surto industrial urbano. Migram para não morrer de fome (HOBBSAWM,1982, p.)

Assim, as grandes migrações transoceânicas dos séculos XIX e XX configuram um aspecto do movimento populacional da Europa, em que a urbanização e a industrialização desempenham papel relevante.

Neste fenômeno migratório europeu para a América, forças de repulsão (miséria, superpopulação nos países de origem, dificuldades de sobrevivência) e forças de atração (existência de amplas áreas não ocupadas no sul do país, condições climáticas favoráveis, possibilidade da instalação em pequenas propriedades policultoras, o avanço dos cafezais paulistas) se somam e constituem algumas de suas condicionantes. (FAUSTO, 1978, p.95)

A imigração, que no princípio, é uma soma de pequenos riachos, torna-se rapidamente um imenso caudal, tendo por centro o continente europeu. Fenômeno mundial, aconteceu no Brasil dentro dos quadros e da dinâmica de uma sociedade forjada pela presença de numerosíssimos povos indígenas e pela ação de três séculos de colonialismo português,

centrado num regime escravista de produção. O país que acaba de conquistar sua independência política em 1822, começa a debater seu futuro e sua posição frente à imigração estrangeira.

A grande imigração de europeus para o sul do Brasil, principalmente a partir de 1870, resultou em inúmeras modificações na estrutura social, econômica e cultural da região que:

Diante da escassez da mão-de-obra escrava negra, o governo imperial passou a ser pressionado para patrocinar a imigração como alternativa para suprir a falta de mão de obra. Outros motivos pesaram a favor da imigração, como forma de garantir a ocupação do espaço geográfico, especialmente na região sul do país e principalmente como opção de branqueamento do país pela preferência por europeus (NASCIMENTO, 2004, p.29)

Também à composição do povo católico: o tradicional catolicismo afro-luso-ameríndio passou a conviver com um novo tipo de catolicismo, de raízes francesas, alemãs, italianas, polonesas. O que motivava a manutenção da identidade cultural era a crença generalizada de que a sobrevivência da fé entre os imigrantes estaria intimamente ligada aos costumes e tradições de suas regiões de origem. Por conseguinte, o inverso também era considerado verdadeiro: na medida em que os colonos fossem perdendo a cultura da pátria-mãe, haveria também de perder a sua fé.

Nos projetos de colonização através da imigração européia, estava subjacente a tese fundamental da superioridade da cultura européia e a inferioridade da “raça” brasileira. Tal preconceito também é utilizado para legitimar a superioridade do catolicismo europeu sobre o de outros países considerados periféricos.

A imigração coincidiu com um projeto de mudança mais global do catolicismo e da Igreja do Brasil, ou seja, o projeto da romanização deste catolicismo.

Dessa forma, os imigrantes católicos acabam contribuindo seja para a afirmação da igreja tridentina e do catolicismo romanizado, seja para assegurar os vínculos de dependência cultural e econômica para com as nações da Europa. Dentro dessa ótica, diferenças culturais e religiosas eram simplesmente vistas como negativas ou inferiores.

Para os fins de nosso estudo fomos buscar alguns dados relacionados ao quantitativo, isto é, ao volume das imigrações estrangeiras no Paraná.

O historiador Romário Martins foi quem preocupou em determinar o quantitativo dos imigrantes que entraram no Paraná. Na sua obra de 1941, “**Quantos somos e quem somos**”, utilizou como fontes os Relatórios dos presidentes de Província e do Estado do Paraná, relatórios de diretores de núcleos coloniais, bem como os livros de registros de entrada de imigrantes existentes no Arquivo Público do Paraná.

Feitas as correções necessárias¹ com relação aos números de migratórios que entraram no

[...]país [...]desde 1824, o grande problema é o da pouca confiabilidade dos dados estatísticos, sendo os diversos autores que tratam do assunto bastante divergentes em termos de resultados. No caso, é necessário que se trabalhe sempre com estimativas, especialmente no que se refere a dados do século passado, em 1829 a 1934, entraram no Paraná [...]100.252 indivíduos, assim distribuídos: 47.731 poloneses, 19.272 ucranianos, 13.319 alemães, 8.802 italianos, 2469 franceses, 1.559 austríacos, 1.344 espanhóis, 1.330 russos, 1.019 ingleses, 1.006 suíços, 450 holandeses e outros.” (SEYFERTH, ano p.9)

Pode-se assim observar que a maioria esmagadora do contingente imigratório que adentra o Paraná é europeia de origem. Dos 4 grupos mais numerosos, pode-se dizer que poloneses, ucranianos (do rito oriental) e italianos são predominantemente católicos. Quanto aos alemães, eram parcialmente católicos, especialmente os oriundos da Baviera e de cantões católicos da Suíça, sendo a outra parte do contingente formada, em geral, por evangélicos de tradição luterana.

Por haver imigrado antes de 1871, a maioria dos imigrantes pertencia a diversos Estados alemães. Algo problemático é fornecer-se números exatos a respeito do número de imigrantes. Não podemos, contudo, falar de uma imigração em massa dos imigrantes alemães. No total, os números não devem ter sido superiores a 300.000. Destes, pouco mais que a metade eram protestantes” (DREHER,1984, p.).

Nesse caso, o catolicismo de imigração, era simplesmente transplantado da Europa para o Brasil, estabelecendo-se em territórios ainda pouco povoados e de forma bastante pacífica.

Em Ponta Grossa, os imigrantes russos-alemães

A partir de 1829 iniciou no Paraná a chegada de migrantes germânicos. A grande maioria fixou-se nos arredores da capital paranaense. Entretanto, alguns membros da 145 famílias inicialmente instaladas, começaram a se deslocar, tendo alguns vindo a fixar residência nos Campos Gerais. Embora sempre tenham ocorrido migrações estrangeiras espontâneas e esporádicas, o grande movimento migratório oficial só se verificou na década de 1870, quando o Paraná viu chegar um número significativo de russos-alemães (dos 3809 imigrantes russos-alemães vindos entre 1877 e 1878 para o Paraná, 2381 localizaram-se em Ponta Grossa. (HOLZMANN, op. cit. p. 20-21; GONÇALVES p. 111).

Na Colônia Otávio, subdividida em 17 núcleos coloniais, afastados do centro urbano e sua presença pode ser atestada através de registros de casamentos, nascimentos e óbitos encontrados nos livros correspondentes encontrados na Igreja Matriz.

¹ BALHANA, A.P. Quantitativos dos imigrantes entrados no Paraná. In: **Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**. Curitiba: Editora Livraria do Chaim, 1991, p.392-393.

De maneira geral, a imigração, no caso específico da alemã nas regiões sulinas², não deve ser vista como um processo homogêneo, pois estava relacionada com elementos que apresentavam diferenças significativas, desde aqueles que possuíam alguma instrução, com experiência profissional e bens pessoais, até simples lavradores, todos buscando, indubitavelmente, melhores condições de vida. Assim também no aspecto religioso.

Emílio WILLEMS (1980:336 e ss.) analisa esse aspecto, quando diz que a bipartição religiosa dos imigrantes alemães talvez seja o fato mais importante da diferenciação cultural interna entre os mesmos. O credo religioso determinaria concepções filosóficas, padrões de comportamento, associando, de maneira diversa, outros elementos culturais à própria religião. Protestantes e católicos alemães dificilmente apresentam a mesma hierarquia de valores, o mesmo valendo, por exemplo, para a visão de Estado ou o estímulo a determinadas atividades econômicas.

A bipartição religiosa, linha de demarcação, cria uma aculturação e uma receptividade a valores culturais estranhos diversamente entendidas pelo imigrante alemão católico ou protestante e sua relação positiva ou não com o meio religioso que o acolhe. No caso do alemão protestante, a situação original era a de íntima associação entre o Estado e a Igreja Evangélica; quando migra para o Brasil, passa a viver em um meio onde o catolicismo é a religião oficial. Essa radical inversão, por si só dolorosa para os crentes, mais se acentuava pela discriminação explícita a que foram submetidos nos momentos que antecederam a laicização do Estado³.

Entre os germânicos de origem católica, a situação é outra: os que chegam, passam em tese, a ser integrados, sem distinções de nacionalidade, às comunidades brasileiras, confundindo-se, em igreja e escola, com as outras nações.

Porém, um obstáculo a essa integração é o que Willems chama de “outros complexos culturais associados à religião propriamente dita”:

Se o catolicismo romanizado constituiu um dos elementos importantes para a europeização da cultura brasileira, já o catolicismo de imigração operou de forma diversa, transformando-se num importante instrumento para que os colonos europeus mantivessem sua cultura de origem, impedindo ou retardando na medida do possível a sua integração na sociedade brasileira. AZZI, R. O catolicismo de imigração. (DREHER, Ano. p.83).

² O Paraná recebeu principalmente imigrantes que anteriormente se haviam estabelecido em outras partes do Brasil. A primeira leva chegou em Rio Negro em 1829, seguida pela oriunda de D.Francisca (atual Joinville) em 1850. Em 1877-78 aportaram os russos-alemães do Volga. Entre 1908 e 1913 houve uma imigração alemã direta, que recomeçou depois de 1919 (Cf. WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1980, p. 44).

³ O choque cultural entre imigrantes católicos e protestantes originou reagrupamentos, sobretudo na fase de autocolonização. Há notícias de uma colonização católica empreendida pela Associação Popular para os católicos Alemães no Rio Grande do Sul em Porto Novo (S.C.)(WILLEMS, op.cit., p. 40).

COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO ESTADO DO PARANÁ

Segundo FUGMANN (1929) no ano de 1828 comemorou-se os 100 anos da imigração alemã no Estado do Paraná. O major von Schäffer foi encarregado pelo governo brasileiro a trazer soldados e colonos para o Brasil. A princípio todos deveriam ser levados ao Rio Grande do Sul, também os colonos que chegaram em Santos no navio “Charlotte Louise”, depois de uma viagem de 100 dias vindos do porto de Bremen na Alemanha. Em 30 de novembro eles embarcaram de Santos para Paranaguá, aonde chegaram em 07 de dezembro de 1828 onde foram recebidos pelo sargento-Mor João Silva Machado, mais tarde Barão de Antonina, esse colocou suas propriedades em Rio Negro a disposição destes recém chegados. De Paranaguá eles passaram por Antonina, Curitiba e Vila dos Príncipes (Lapa) para Rio Negro, onde os imigrantes chegaram em 06 de fevereiro de 1829.

Estes imigrantes somavam 20 famílias, 45 adultos, e 60 de menor. Somando 105 pessoas, mais tarde em meados de julho de 1829 chegaram mais 31 famílias somando 142 pessoas.

A imigração para o Paraná se deu nos seguintes anos:

1829 – Imigração para Rio Negro.

1850 – Emigração dos imigrantes de D. Francisca.

1877-79 – Imigração dos Alemães do Volga.

1903-13 – Imigração de Alemães.

1919-35 – Outros alemães.

A imigração dos alemães da Volga iniciou em 1877. Estes imigrantes eram descendentes dos alemães que em 1764 a 1767 imigraram para o Volga, a convite da Czarina Catarina II, uma princesa alemã de Anhalt Zerst, esses colonizaram a região do Volga para a agricultura. Estes alemães eram oriundos de Hessen, Württemberg, Pfalz, e Franken. Eles receberam da Czarina a terra para plantação e direitos como: administração própria, serem livres na Rússia, leis alemãs, cultura alemã, Igreja, credo, escola e liberdade militar para sempre⁴. Estas liberdades foram sendo tomadas pouco a pouco e no ano de 1874 perderam a liberdade militar. Os Russos queriam que eles lutassem pela causa russa, depois de terem transformado a estepe em terra produtiva.

Estes alemães viviam separados dos russos, mantinham o “sangue puro”. Quando então perderam a liberdade militar, a maioria decidiu migrar. Em 1876 houve grande propaganda para a imigração para o Brasil, a pedido de D. Pedro II. Os alemães do Volga

⁴ A não obrigatoriedade do serviço militar.

enviaram 3 pessoas para o Brasil para que esses olhassem o Brasil, para ver se era bom. (Karl Hartmann, Jacob Muller e Gottfried Meier). Estes foram bem recebidos pelo governo brasileiro, foram enviados para o Paraná, eles foram bem indicados ao Presidente da Província Dr. Lamenha Lins. Os enviados noticiaram aos Alemães do Volga que viessem pois a terra era boa, principalmente para o cultivo do trigo. Assim em 1877 chegaram os primeiros alemães do Volga a Ponta Grossa, onde foram festivamente acolhidos por alemães que já haviam chegado em 1875, emigrados de Dna. Francisca. Estes Alemães do Volga se assentaram nas Colônias : Moema, Taquary, Dna Gertrudes, Pellado, Guaraúna ,Botuquara, Tavares Bastos em Ponta Grossa e em Papagaios Novos, Quero-Quero, Lago e Pugas em Palmeira, e na Lapa divididos em colônias destinados por confissão religiosa.

Jens Jensen descreve a chegada festiva dos alemães do Volga e relata que eles nem sentiram estar imigrando. Ele e alguns outros alemães desaconselharam os imigrantes a plantarem trigo, pois já conheciam a terra, mas estes não deram ouvidos e plantaram, e a colheita não foi a esperada e eles desanimaram e emigraram. A maioria emigrou para a Argentina e outros voltaram para a Rússia ou procuraram outras cidades no Paraná. Dos que ficaram citamos os Colônias Evangélicas : Papagaios, Quero-Quero e Taquari, as Colônias Católicas: Tavares Bastos, Pelado, Lago, Pugas e Lapa.

Eles por mérito de seus esforços, e dedicação, construíram estradas, desenvolveram a agricultura e fabricaram carroças o que ajudou em muito no desenvolvimento da cidade.

As famílias eram muito numerosas e achavam-se espalhadas pela cidade, na agricultura, no comercio, na industria e nas demais profissões. Todos encontravam-se em boa situação financeira.

1908- 1913

Nos anos de 1907 - 1908 o governo brasileiro fez grande propaganda para a imigração para o Estado do Paraná, chegaram milhares de famílias principalmente, Alemães, Holandeses, Austríacos, Poloneses e Ucranianos. De inicio foram assentados na região de Prudentopolis, onde já havia 10.000 famílias Ucranianas. Esta mistura de nacionalidades começou a não dar certo, pela diferença de cultura e crença. Assim o governo brasileiro resolveu levar os Alemães e Holandeses para Irati. Em 12 de novembro de 1898 chegaram os primeiras famílias alemães em Irati.

PONTA GROSSA

Os primeiros alemães a chegarem em Ponta Grossa no ano de 1875 foram os que emigraram de D. Francisca-SC (Jansen, Jensen, Krawutschke, Baer, Roedel, Naumann).

Além de não se adaptarem a terra o calor era intenso, para alemães mais acostumados com o frio o litoral não era o lugar mais indicado. Em 1877 os alemães do Volga.

Ponta Grossa foi fundada em 1824, em 1855 foi promovida a vila e em 1872 promovida a cidade e só com a chegada dos alemães do Volga Ponta Grossa começou a ter vida. As estradas começaram a ser construídas, os alemães do Volga, com suas carroças logo avivaram as estradas para Curitiba e também para o interior do Estado: Comércio e trânsito podiam desenvolver. Ponta Grossa era o tronco das ferrovias que ligavam São Paulo a Curitiba e ao Rio Grande do Sul, o que ajudou muito o comércio. O único senão é que as terras em redor da cidade eram propriedades particulares e a produção agrícola não podia ser desenvolvida a contento. Mas Ponta Grossa tinha boa ligação de estradas para o interior do Estado.

As primeiras fundações alemãs em Ponta Grossa foram a Igreja Evangélica e a Escola Alemã em 1894 e dois anos depois em 1896 o Clube “Germania”.

CASTRO

Segundo FUGMANN os primeiros alemães a chegarem em grupo de Wolhynien-Alemanha a Castro foi em 1890 e se instalaram perto de Castro numa colônia chamada Santa Clara. Acostumados com a vida religiosa já trazida na bagagem eles montam no centro da colônia uma pequena igreja de madeira e uma escola. Com o crescimento da cidade de Castro colônia e cidade não tinham mais divisas esses colonos se estabeleceram no comércio, marcenaria, confeitaria, alfaiate entre outros.

A segunda grande leva de imigrantes vindos a Castro já datam de 1933, alemães que vieram para colonizar terras na região dos Campos Gerais, esses oriundos de diferentes regiões da Alemanha. Esta colônia se chamou Colônia Terra Nova.

Desta forma, salientamos que embora a imigração alemã tenha se efetivado no sul do Brasil e, em especial, nos Campos Gerais, esta se fez em diversas levas. O caso da colônia Terra Nova se insere nesta proposição:

O ato de migrar nem sempre é rigorosamente compulsório. Muitos europeus Deixaram seu país de origem em busca de novas e melhores condições de vida, dada a expectativa de incremento do patrimônio fundiário ou, como fica especialmente evidente no caso de muitos imigrantes alemães, o deslocamento se constituía numa estratégia de resistência à proletarianização. (HOERDER, apud MAGALHAES, 1993, p. 16)

EDUCAÇÃO NA ALEMANHÃ

Na formulação da Constituição da República de Weimar havia a obrigatoriedade escolar, mas não uma Lei que falasse de práticas e metodologias ou nem de diretrizes. Até a formação do Estado Alemão, cada região fazia sua própria Lei, sempre seguindo idéias dos filósofos da região ou de alguém que entendesse um pouco mais de educação.

O valor dado à educação no Império Alemão foi resultado do desenvolvimento da hegemonia prussiana entre os Estados germânicos. A proeminência da Prússia se deveu, primordialmente, à eficiência de seu sistema escolar, que se tornou modelo para todos os Estados.

As concepções didáticas na República de Weimar apresentadas pelo professor Theodor Litt⁵ partia da idéia que a ciência só pode esclarecer como teoria estrutural, mas não como conteúdo integral, para um engajamento político do cidadão. Por isso ele sugeria que todas as formas de governo deveriam ser apresentadas aos cidadãos, para que estes tivessem consciência de que a Constituição da República de Weimar vinha ao encontro das novas expectativas de vida de cada um.

Já o Professor Eduard Spranger⁶ tematizava, em 1928, os "Probleme der politischen Volkserziehung" (Problemas na educação política do povo). Entender, afirmar e assumir responsabilidades eram partes integrantes da nova República. A escola tinha a tarefa de formar jovens que tivessem respeito para com o Estado, e lutassem por ele e lhe fossem fieis, pois estava constituído para protegê-los.

Evidentemente que estas atitudes tenham surgido na implantação ou na tentativa de se estruturar um Estado Alemão, pois, com o resultado da Primeira Guerra Mundial, os alemães precisariam se unir em torno a um Estado que oferecesse proteção e que ao mesmo tempo fosse protegido pelos cidadãos.

A união do povo deve prevalecer, para que vença os novos avanços e desafios. Aqui o papel do professor era considerado importantíssimo, porque "[...] são de pequenos que se transformam os grandes homens" (GOETHE). A tarefa do professor é transformar os cidadãos em homens e mulheres que lutem pela Nação e se sintam honrados por serem alemães.

Já o nacionalismo da década de 30 na Alemanha, encontram-se nas escolas os maiores aliados do regime nazista. Com efeito, o sistema educacional desde 1933 estava sob a bandeira do Nacional-Socialismo, sob direção de Himmler e Heißmeyer. As quatro séries iniciais da Grundschule (Ensino básico), foram mantidas, porém meninos e meninas foram

⁵ In Bertelsmann.

⁶ In Bertelsmann.

separados em escolas diferentes, porque, além da prioridade à formação masculina, havia a convicção de que os homens deveriam entender de assuntos que não focassem a respeito da mulheres. A elas cabiam os três Ks Küche, Kinder, Kirche) (Cozinha, crianças e igreja) Ensino básico, em contradição com as leis da República de Weimar, que julgava a educação conjunta produtiva e socializadora. Já III Reich, queriam-se homens sem sentimentos profundos; se fossem sensíveis, poderiam atrapalhar nas horas mais decisivas, como na guerra. Eu fiz a primeira e segunda série do primário lá, nossa a professora era brava, e levamos palmadas e castigo se não andasse na linha. (A.M.)

O antigo Ginásio, com latim no primeiro ano, grego a partir do terceiro e inglês desde a quinta série, era só para os meninos. As meninas não tinham direito de fazer o Ginásio, estudavam economia doméstica e aprendiam como lidar com crianças.

As Behindertenschule, (escolas para portadores de deficiências) que foram tão bem vistas durante o Império e a República de Weimar, viraram depósitos de armas. Os alunos deficientes corriam perigo e muitas destas crianças acabaram nos KZ (Konzentrations Lager⁷), pois a idéia do Nacional-Socialismo era “limpar” a raça alemã.

Já os professores foram obrigados a participar do NSLB (*National sozialistische Lehrerbund*⁸) e se assim não o fizessem, perderiam o seu cargo, que desde 1934 pertencia ao quadro de funcionários públicos. Poderiam usar a prática pedagógica que quisessem, desde que orientassem o assunto de sua disciplina ao Nacional-Socialismo. O projeto era incutir nos alunos a idéia de que não havia melhor regime político e que, sendo o caso, dariam o próprio sangue pela pátria. Lutar pela pátria defendê-la, seguir as leis do *Führer*, só assim iriam ter uma Alemanha da qual todos se pudessem orgulhar.

O regime nazista não alterou o processo de produção, cuja matriz continuou nas mãos dos grupos que controlavam os meios de produção. Seu objetivo era abolir a distinção entre Estado e sociedade, transferindo as funções políticas aos que detinham o poder

Herbert Marcuse* Na base da pirâmide social, o indivíduo foi consideravelmente reduzido ao nível de simples elemento da "multidão". O III Reich é evidentemente um "Estado de massas", no qual as forças e interesses particulares fundem-se numa massa humana irracional habilmente manipulada pelo regime. ⁵ Mas essa massa não é unificada por uma consciência ou um interesse comum. Os seres que a compõem não buscam, individualmente, nada além de seus interesses pessoais mais elementares, e seu agrupamento

⁷ Campos de concentrações, onde não só havia Judeus, mas também Testemunhas de Jeová, Espíritas e alemães contrários ao regime.

⁸ Associação Nacional-Socialista de Professores.

só se torna possível na medida em que esse interesse se confunde com o instinto bruto da conservação, idêntico entre todos. A aglomeração dos indivíduos numa multidão exacerba sua singularidade e seu isolamento, ao invés de os abolir, e seu nivelamento não faz senão reproduzir o roteiro segundo o qual sua individualidade foi anteriormente modelada. (...)Ler, de Emil Lederer, *State of the Masses*, New York, ed. Howard Fertig, 1940, p. 30 e seguintes

Assim, a sua prática ficava restrita a interesses específicos:

- Biologia, por exemplo, os alunos deveriam aprender a separar as raças com suas características, além dos cuidados com a higiene e preservação do sangue alemão.
- a disciplina Geopolítica foi juntada à História e à Geografia (*Landeskunde*) e deveria trazer à tona o sentimento de raça nórdica com seus valores de política, cultura e guerra.
- as redações deveriam girar em torno da política, da história e do idealismo nacional-socialista.
- as aulas de educação física, obrigatórias para os meninos, receberam carga horária maior: 5 horas semanais.
- as aulas de música e de cultura universal foram reduzidas ao folclore nacional.
- as aulas de religião foram eliminadas da grade, principalmente depois que a Igreja luterana se negou a tornar-se nacional-socialista.

Aos sábados, os alunos que pertenciam ao DJ (*Deutsche Jugend*⁹) e JM (*Jungmädels*¹⁰) não tinham aulas, porém os alunos que não tivessem aderido a um grupo tinham aulas de Nacional-Socialismo.

O *Hitler Jugend*¹¹ existia desde 1929 e seu mais enérgico comandante foi, desde 1931, Baldur von Schirach. Com ele, os alunos aprendiam táticas de guerra, e os exercícios físicos objetivavam não só fortalecer corpo, mas também “para endurecer a alma”. Segundo as próprias palavras de Adolf Hitler em *Nürnberg* em 1936,

*In unseren Augen, da muß der deutsche Junge der Zukunft schlank und rank sein, flink wie die Windhunde, zäh wie Leder und hart wie Kruppstahl*¹² (*Archiv Schärer*¹³).

⁹ Designação para o grupo de meninos que participavam dos grupos de Jovens Nacional-socialistas .

¹⁰ Grupo de meninas..

¹¹ *Hitler Jugend* eram os grupos de jovens recrutados para defenderem o Nacional-Socialismo e as ordens do *Führer*.

¹² *Aos nossos olhos, os nossos jovens do futuro devem ser, esbeltos e ágeis, velozes como os cães da estepe, tenazes como o couro e insensível como o aço da Krupp-*(Krupp era a indústria que manufaturava o aço mais duro e puro, fundada na década de 30).

¹³ INERNATIONES.*Das Dritte Reich, die Deutsche Geschichte 1933-1945*, 1995. p. 190.

As principais atividades dos grupos eram voltadas à prática do bem comum e à “salvação” da espécie ariana. Para que os jovens alemães se interessassem pelo HJ¹⁴, Joseph Goebbels, ministro da propaganda do Reich, usava das mais provocativas propagandas para chamá-los. Como por exemplo: *Auch du gehörst dem Führer*¹⁵, com uma foto de uma menina loura de tranças e sorridente; ou então *Komm zu uns! Deutsches Jungvolk in der Hitler-Jugend*¹⁶ e a foto de um menino tocando tambor. Os hinos compostos para os HJ sempre acompanham palavras de ordem ou proclamam de que é bom pertencer ao *Reich* e ser seguidor do *Führer*.

(...) *Unsere Fahne flattern uns voran,/ in die Zukunft ziehn wir,
Mann für Mann,/ wir marschieren für Hitler/ durch Nacht und
durch Not,/ mit der Fahne der Jugend/ für Freiheit und Brot
(...)*¹⁷.

Essa estrofe nos dá uma pequena idéia do que se queria realmente daqueles jovens corajosos e destemidos, uma bravura que não vinha de casa, mas lhes era incutida, para que eles realmente fizessem tudo pelo amor ao Nacional-Socialismo. Nas diversas falas de Hitler aos HJ, sempre aparecem citações referentes à grandeza da Nação e à sua necessidade de bravos guerreiros. Os hinos ou canções da HJ eram sempre entoados nas marchas, nas grandes concentrações e naturalmente nos desfiles; segundo as normas, o cantar dos hinos mostrava quanto os jovens se sentiam bem ali e como estavam felizes por poderem fazer parte da organização.

Podemos ver que os jovens se sentiam orgulhosos, pois somente a HJ fora privilegiada por um Decreto do *Reich*, com autorização para o seu funcionamento: Decreto de 1º. de dezembro de 1936. Nenhum outro tipo de grupo de jovens fora autorizado:

*Von der Jugend hängt die Zukunft des deutschen Volkes ab. Die gesamte deutsche Jugend muß deshalb auf ihre künftigen Pflichten vorbereitet werden. Die Reichsregierung hat damit folgendes Gesetz beschlossen:... Die gesamte deutsche Jugend innerhalb des Reichsgebiet ist in der Hitlerjugend zusammengefaßt. Die gesamte deutsche Jugend ist außer in Elternhaus und Schule in der HJ körperlich, geistlich und sittlich im Geist des Nationalsozialismus zum Dienste am Volk und zur Volksgemeinschaft zu erziehen*¹⁸.

¹⁴ HJ: Hitler Jugend.

¹⁵ *Também você pertence ao Führer.*

¹⁶ *Venha para nós! Juventude alemã para o HJ.*

¹⁷ (...) *Nossa Bandeira vai à nossa frente, / seguimos ao futuro, homem a homem, / nós marchamos por Hitler/ pela noite adentro e em meio ao perigo, / com a bandeira da juventude/ por liberdade e pão(...)*. Pão aqui, no sentido de comida também.

¹⁸ *Da juventude depende o futuro do povo alemão. Por isso toda a juventude alemã precisa ser preparada para suas obrigações futuras. O governo do Reich decreta, por essa razão, o que segue:... Todos os grupos de jovens*

Para os jovens, isto com certeza soava como algo importante, pois além de poderem ocupar-se com o físico sabiam que a Nação dependia deles. O que naturalmente se pode questionar, mas aqui somente pretendemos apresentar e não os discutir.

Seguindo as tradições, obviamente havia uma foto do *Führer* na parede de cada instituição HJ com a seguinte frase: *Wir sind geboren, um für Deutschland zu sterben*¹⁹. Os jovens que freqüentavam os HJ tinham entre 10 e 18 anos, considerada a idade ideal para a formação física, espiritual e política. O que não foi possível obter como informação oficial é se os jovens eram obrigados a participar ou não; entretanto eles diziam que era melhor fazer parte de HJ do que assistir às aulas de Nacional-Socialismo. Nos grupos, eles podiam extravasar suas energias e conquistar um reconhecimento perante toda a sociedade, o que lhes dava um certo ar de importância. As obrigações escolares não eram tão interessantes, não

A Educação para o imigrante

Dados históricos revelam que o governo brasileiro, até o ano de 1934, pouco se impunha nas questões políticas-educacionais das colônias de imigrantes¹ por falta de verba federal. Segundo FIORI¹, "... havia falta de escola pública, que o governo brasileiro, então, oferecia precariamente até à população nacional".

Nós tínhamos a escola que foi construída pela GSA e o professor era contratado pelo consulado da Alemanha de Curitiba. Mais tarde a Comunidade pagava o salário do professor.(A.M.; T.G.)

Porém, como os imigrantes alemães estavam familiarizados com a vida escolar e valorizavam as questões do ensino acabavam desenvolvendo um sistema de escolas particulares mantidas pela própria comunidade. As aulas eram dadas na língua alemã, em princípio. Entretanto a aquisição da língua portuguesa se fazia necessária, de certo, pois facilitaria não só comércio de seus produtos, mas também a convivência social, como se depreende do comentário como este de TANURI¹:

...deveria verificar-se no sentido de nacionalizar a escola primária, bem como de ampliar as oportunidades educacionais, com que se esperava congregar a todos, brasileiros e imigrantes, num grupo coeso, unitário, a batalhar pela elevação do país e pela colocação entre as nações mais desenvolvidas.

da Alemanha dentro dos limites do Reich estão subordinados aos Jovens de Hitler - HJ. Todos devem ser educados, além de em casa e na escola também no HJ fisicamente, espiritualmente e nos costumes no espírito do Nacional-Socialismo para o serviço ao povo e à comunidade.

¹⁹ *Nós nascemos para morrer pela Alemanha.*

Em 1824, os primeiros imigrantes alemães a chegarem a convite do governo brasileiro, vieram para colonizar o Rio Grande do Sul e lá fundaram cidades como São Leopoldo, a mais antiga de colonização por alemães. Eles tinham várias profissões e logo conseguiram estabelecer-se em suas comunidades. Fundaram escolas, pois havia professores entre eles e, além disso, o governo brasileiro não impunha uma política educacional.

O interessante é que as imigrações eram benquistas pelo governo brasileiro, o qual tinha em mente, além da necessidade de mão-de-obra, o branqueamento da raça. A idéia de miscigenação era, pois, uma das campanhas em alta na época, seguindo os ideais norte-americanos.

As colônias formadas no início do século XX, se estabeleceram no Brasil de forma diferente por terem as famílias imigrado por razões políticas. Um exemplo é o da Colônia Terra Nova, no município de Castro. Os imigrantes vieram porque na Alemanha o Governo, ao invés de preocupar-se com a população, estava mais interessado nos seus próprios ganhos. A inflação era absurda. Como o Partido Nacional Socialista de Adolf Hitler já tinha voz, muitos alemães, que discordavam das novas idéias, resolveram sair logo do país que lhes parecia perigoso. A GSA-Gesellschaft für Siedlung im Ausland GmbH¹ vendia terras no Brasil, e os interessados despertaram para uma região que lhes parecia a saída mais favorável. O que lhes era imposto pela GSA era que os compradores fossem agricultores e tivessem entre 21 e 55 anos. Este foi um dos fatores que levou muitos deles a se tornarem agricultores do dia para a noite, não importando o quanto tivessem de trabalhar pela nova expectativa que se abria para suas vidas.

Meu avô era sapateiro, outro era açougueiro,... nossa! tinha um monte de profissão, o que menos tinha era agricultor, minha avó sim ela era da terra.(A.M)

O valor atribuído à educação, que os imigrantes alemães traziam dentro de si, data do surgimento do Império Alemão, como resultado do desenvolvimento da hegemonia prussiana entre os Estados germânicos. A proeminência da Prússia se deveu, primordialmente, à eficiência de seu sistema escolar, que se tornou modelo para todos os Estados. Em 1806, o filósofo Fichte¹ havia declarado que a única esperança de salvação para o seu povo sofrido estava na adoção do sistema de educação *pestalozziano*¹. Graças a essa pedagogia, a Prússia se tornou uma nação de mestres e alunos. Toda a educação elementar (*Volksschule*¹) se fez pública e gratuita, causando o desaparecimento do analfabetismo. A frequência escolar era exigida para todas as crianças de 6 a 14 anos de idade. Os professores eram selecionados e preparados com muito cuidado. Os métodos, humanos, eram adaptados ao cultivo da

inteligência prática.

Naturalmente a aristocracia, que mantinha seus professores particulares em casa, permanecia, e as *Volksschule* serviam ao povo em geral. As classes superiores eram preparadas para o comércio e funções técnicas superiores. Porém as crianças que se destacavam na *Volksschule* poderiam ser selecionadas para as escolas superiores, de modo a progredirem até uma posição correspondente às suas capacidades.

O ato de migrar nem sempre é rigorosamente compulsório. Muitos europeus deixaram seu país de origem em busca de novas e melhores condições de vida, dada a expectativa de incremento do patrimônio fundiário ou, como fica especialmente evidente no caso de muitos imigrantes alemães, o deslocamento se constituía numa estratégia de resistência à

Pode-se assim observar que a maioria esmagadora do contingente imigratório que adentra o Paraná é européia de origem. Dos 4 grupos mais numerosos, pode-se dizer que poloneses, ucranianos (do rito oriental) e italianos são predominantemente católicos. Quanto aos alemães, eram parcialmente católicos, especialmente os oriundos da Baviera e de cantões católicos da Suíça, sendo a outra parte do contingente formada, em geral, por evangélicos de tradição luterana¹. Nesse caso, o catolicismo de imigração, era simplesmente transplantado da Europa para o Brasil, estabelecendo-se em territórios ainda pouco povoados e de forma bastante pacífica.

Em Ponta Grossa, os imigrantes russos-alemães¹ localizaram-se na Colônia Otávio, subdividida em 17 núcleos coloniais, afastados do centro urbano e sua presença pode ser atestada através de registros de casamentos, nascimentos e óbitos encontrados nos livros correspondentes encontrados na Igreja Matriz.

De maneira geral, a imigração, no caso específico da alemã nas regiões sulinas¹, não deve ser vista como um processo homogêneo, pois estava relacionada com elementos que apresentavam diferenças significativas, desde aqueles que possuíam alguma instrução, com experiência profissional e bens pessoais, até simples lavradores, todos buscando, indubitavelmente, melhores condições de vida. Assim também no aspecto religioso.

Emílio WILLEMS (1980:336 e ss.)¹ analisa esse aspecto, quando diz que a bipartição religiosa dos imigrantes alemães talvez seja o fato mais importante da diferenciação cultural interna entre os mesmos. O credo religioso determinaria concepções filosóficas, padrões de comportamento, associando, de maneira diversa, outros elementos culturais à própria religião. Protestantes e católicos alemães dificilmente apresentam a mesma hierarquia de valores, o mesmo valendo, por exemplo, para a visão de Estado ou o estímulo a determinadas atividades

econômicas. A bipartição religiosa, linha de demarcação, cria uma aculturação e uma receptividade a valores culturais estranhos diversamente entendidas pelo imigrante alemão católico ou protestante e sua relação positiva ou não com o meio religioso que o acolhe. No caso do alemão protestante, a situação original era a de íntima associação entre o Estado e a Igreja Evangélica; quando migra para o Brasil, passa a viver em um meio onde o catolicismo é a religião oficial. Essa radical inversão, por si só dolorosa para os crentes, mais se acentuava pela discriminação explícita a que foram submetidos nos momentos que antecederam a laicização do Estado¹.

Entre os germânicos de origem católica, a situação é outra: os que chegam, passam em tese, a ser integrados, sem distinções de nacionalidade, às comunidades brasileiras, confundindo-se, em igreja e escola, com as outras nações.

Porém, um obstáculo a essa integração é o que Willems chama de “outros complexos culturais associados à religião propriamente dita”:

Se o catolicismo romanizado constituiu um dos elementos importantes para a europeização da cultura brasileira, já o catolicismo de imigração operou de forma diversa, transformando-se num importante instrumento para que os colonos europeus mantivessem sua cultura de origem, impedindo ou retardando na medida do possível a sua integração na sociedade brasileira.¹